

Legendas de caminhões nas estradas nordestinas

O caminhão criou na economia brasileira uma condição básica para o seu desenvolvimento. Deram-lhe estradas e isto assegurou-lhe o predomínio dos transportes através de extensões que se ampliam cada vez mais. Tornou-se a característica de um bandeirismo singular, que as estradas levam ao sertão, permitindo o progresso, irradiando por regiões, outrora obscuras, as vantagens da civilização.

O caminhão contribuiu para a transformação de hábitos arraigados na alma popular, emprestando uma nova facies aos vilarejos remotos, aos cantos esquecidos, fazendo mais que o transporte de utilidades: transportando sobre rodas os fluxos de uma vitalidade inesperada. O sertão, a terra adusta, o oeste ou o nordeste, regiões e subregiões do país, tiveram em seu recesso os estremunhos de uma energia alvissareira, a invasão dos carros motorizados, restringindo aos trabalhos domésticos as alimarias, outrora tão indispensáveis às longas caminhadas. Era um elemento novo que se integrava na paisagem, condicionando o homem a um "processus" de vida mais eficiente e definitivo. Sua presença repercutia intensamente nos costumes, oferecendo às populações do interior o descortínio de novas possibilidades.

Implicitamente, um novo corolário filosófico viria modificar o comportamento das gentes, criando esquemas diferentes à solução e continuidade de seus problemas. E, assim, também o sentimento humano teria oportunidade de revelar suas inumeráveis virtualidades.

Objeto de incipiente literatura, já alguns autores têm mencionado o sentido profundo dos pitorescos slogans que respingam as estradas, à ré de uma carroçaria superlotada ou apostos, ostensivamente, nos pára-choques dos motores de caminhão. Aí está uma das facetas verificadas nesse meio de transporte, bastante evidente e cheia de significado, especialmente na região Nordeste, onde a sua verificação é mais abundante. É algo que complementa a fisionomia das estradas na variedade dos matizes de uma psicologia eminentemente local.

Como na proa de um barco, o caminhão leva em seus pára-choques, não um nome de batismo, mas frase que, às vezes é um desafio, ou uma advertência; e, quase sempre afirma a convicção religiosa do motorista transparecendo também, peculiar "sense of humour". O sentimento religioso sempre aflui em primeiro plano, sucedendo-se os dísticos "Com Deus eu sou feliz", "Deus é meu guia", etc, com muita frequência "Pobre vive de teimoso", "Cada qual tem o que pode", "Desculpe a poeira" inscrevem um cunho de ingênua ironia que ainda se prolonga em tópicos como estes, mais pessoais, e conclusivos: "Não chora, morena, que eu volto", "Só depende de você".

Tornou-se constante, habitual e ganhou lóros de tradição o uso desse sistema de identificação dos caminhões nordestinos, tornando conhecidos os veículos de carga que, vindos daqueles extremos, atravessam o país mostrando, por onde passam, o toque incontundível da sua procedência.

BARBOZA LEITE

